Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.° á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.° ANNO — VOLUME XIV — N.° 439

1 DE MARÇO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Sepultou-se ha dias em Lisboa o cadaver d'um homem illustre pelo seu saber e pela sua honradez, d'um valente official de marinha, com quem eu não tinha relações intimas, mas a quem me prendia uma profunda sympathia, porquem tinha uma grande estima misturada com um bocadinho de saudades do tempo em que com elle lidára todos os dias, —'o cadaver do sr. Carlos Testa.

Espirito alevantado, intelligencia superior, caracter honestissimo Carlos Testa bem merecia a estima e o respeito de todos os que o conheciam; mas a estima que eu lhe dedicava, apesar de nunca ter tido a honra de viver na sua intimidade e de apenas ha annos o cumprimentar cerimoniosamente quando o encontrava na rua era realçada por este sentimento de egoismo que nos faz prender aquelles a quem está de alguma forma ligada a recordação saudosa dos nossos bons tempos de mocidade.

A Carlos Testa estava ligada a recordação d'um dos annos mais felizes da minha vida de estudante e todas as vezes que o via me lembrava dos meus tempos da escola naval, e são esses tempos que a noticia da sua morte trouxe á minha memoria, tão vividas como se esses tempos fossem ainda de hontem e não tivesse passado sobre elles a bagatella de vinte e dois annos.

Não é muito vulgar a paisanos que sempre foram paisanos terem nas suas recordações de escola a passagem d'um anno pelos bancos da escola naval.

Quando eu me sentei n'esses bancos a estudar e a fazer exame, havia só um exemplo de facto semelhante e depois que eu de la sahi creio que o facto se não repetiu muitas vezes.

O exemplo que havia era de um amigo meu, um excellente rapaz na intimidade de quem vivi muito na minha mocidade e que ha vinte annos anda lá pelo Brazil, sem me dar noticias suas, e sem eu me poder dirigir-lhe a pedir-lh'as porque não sei o que é feito d'elle nem onde pára. Esse rapaz era o Domingos Maria Gonçalves, que teve aqui em Lisboa um jornal de rapazes chamado a *União Academica* em que collaboraram Sousa Martins, Jayme Batalha Reis, José Estevão de Moraes Sarmento, jornal cujos artigos provocaram grande celeuma na mocidade academica d'então e originaram discussões violentas nas reuniões da Academia que se effectuavam no amphitheatro de chimica na Escola Polytechnica.

Domingos Maria Gonçalves era o proprietario e director d'esse jornal, e morava n'uma casa sua na travessa de Santo Amaro, casa onde nos reuniamos ás tardes todos nós, que eramos inseparaveis n'esse tempo, o Luciano Cordeiro, o Pequito, o Alexandrino do Carmo, o Madeira Pinto, o conde de Tavarede e a pessoa que escreve estas linhas

O Gonçalves assignava quasi sempre os seus artigos d'esta forma: —D. Maria Gonçalves, e d'ahi a caturreira do Salomão Saragga, que era muito amigo d'elle e lhe chamava sempre o D. Maria.

O Gonçalves era empregado nas obras publicas e addido á Academia de Bellas Artes, ao serviço do marquez de Sousa Holstem, de quem era muito amigo e que tinha por elle particular estima e consideração.

Muito intelligente, muito vivo, querendo fazer rapidamente o seu caminho, Domingos Maria Gonçalves tentou varias carreiras: primeiro a politica, propondo-se a deputado pelo circulo de Borba onde tinha certa influencia, depois a carreira consular, indo ser consul de Portugal em Nantes.

O consulado rendia pouco, e á espera de melhor collocação aceitou o cargo de chanceller de um consulado do Brazil. Foi para lá e por lá ficou, sem nunca mais mandar noticias.

Se por acaso esta chronica lhe chegar ás mãos que se lembre do velho companheiro da mocidade e que me escreva contando-me o que faz e o que ha feito, não darei por perdido este passeio pelo meu passado.

Mas como ia di-

MEISSONIER

Fallecido em Paris no dia 31 de Janeiro de 1891

zendo o Gonçalves foi, me parece, o primeiro paisano que antes de mim cursou aulas na escola naval. Eu segui-lhe o exemplo.

Tinha 19 annos e completado o meu curso superior de lettras ainda com os fallecidos Rebello da Silva, Augusto Soromenho e Conselheiro Viale. Pensava em seguir a carreira diplomatica e com o meu diploma do curso superior matriculei-me como voluntario na cadeira de Direito Internacional na Escola Naval.

Confesso que quando entrei a primeira vez na aula e me vi cercado de fardas — todos os meus condiscipulos e eram uns vinte e tantos fardados de aspirante de marinha, o lente, o sr. Carlos Testa fardado de capitão de fragata — senti-me um pouco embaraçado.

O unico paisano ali era eu e era natural que os meus novos camaradas olhassem de certa maneira para aquelle paisano que vinha de fóra metter-se no seu curso.

Mas não aconteceu nada d'isso: pelo contrario, nunca em escola alguma, e eu tinha passado pelo Lyceu, pela Aula de Commercio, pelo Instituto Industrial, pelo Curso Superior de Lettras, encontrara a boa e leal camaradagem que encontrei na Escola Naval, e da parte d'um professor as deferencias, as attenções, delicadas e amabilissimas que encontrei da parte de Carlos Testa e depois dos meus examinadores presididos pelo sr. Visconde de Castro Guedes, n'esse tempo o director da Escola.

Graças a essa bella camaradagem dos meus collegas, e as attenções do meu novo professor, o meu anno da Escola Naval ficou em primeiro logar entre as boas recordações do meu tempo de estudante, e dos meus condiscipulos de então conservo ainda hoje estreita amisade com alguns, como D. Fernando de Serpa, o Osorio e outros.

No fim de contas o meu exame de Direito que me podia servir de muito para a carreira diplomatica não me serviu de nada para a minha vida.

Couraçado com o Ortolani, o Martens, o Vatel, preparava-me para ir ao concurso para secretario de embaixada.

Um dia entrei muito contente em casa: estava aberto o concurso. Participei radiante o caso ao meu pae e a minha mãe.

Meu pae ficou sorumbatico minha mãe desatou a chorar.

A pobre santa viu logo n'essa noticia a noticia de uma proxima separação.

A' noite quando me despedi d'ella para me deitar ella abraçou-se-me a chorar como se eu fosse partir immediatamente para a minha embaixada.

Eu não quiz saber de mais nada.

Não consultei a minha rasão, ouvi apenas o meu coração que me dizia que eu não tinha direito de sacrificar ao meu futuro, a alegria e a felicidade dos ultimos annos de vida da minha pobre velha.

Mandei ao diabo o concurso, Ortolani, o direito internacional e a embaixada, e deixei-me ficar em Lisboa a fazer chronicas e comedias.

E francamente não me dei mal com isso.

Tenho a consolação de não ter dado um desgosto a minha querida mãe, e livrei-me, quem sabe, de estar a estas horas a negociar com lord Salysbury a delimitação das nossas possessões africanas.

Desenganem-se: Tayllerand que diga o que quizer, o primeiro movimento é sempre o bom.

* * *

Nos theatros preparam-se muitas novidades para breve mas por emquanto ainda não temos nenhuma.

Em S. Carlos prepara-se o *Fr. Luiz de Sousa* do maestro Gasul e aproximam-se as recitas de Tamagno, que deve chegar por estes dias a Lisboa: em D. Maria prepara-se o *Alcacer Kivir* drama historico em 5 actos e em verso de D. João da Camara, o laureado auctor do *D. Affonso VI:* na Trindade preparam-se a *Sorte grande* e o *Collegio de meninas:* no Gymnasio deve ter-se representado, quando esta chronica fôr publicada, uma comedia imitada do allemão pelo Moura Cabral. *A aranha d'ouro*, para beneficio do Silva Pereira e prepara-se um original da sr.ª D. Guiomar Torrezão para o beneficio do actor Soller.

Como veem não faltam novidades a sahir; sahidas já apenas temos uma a *Carmen* em S. Carlos que não se pode dizer que fosse uma boa nova, ainda que não partilhamos da opinião de muita gente que a acha a peior das *Carmens* que tem apparecido no nosso theatro lyrico.

O papel de *Carmen* é muito difficil, tem muito que estudar, muito que representar, muito que cantar e até muito que dançar e para mim ainda me restam duvidas de: se feito como elle deve ser, esse papel agradaria realmente a muitos dos *dilletanti*.

Se fosse possivel a Galli Marie fazer a Carmen em Lisboa sem que o publico soubesse que era ella, era muito possivel que a Galli Marie fosse pateada por immoral, por grosseira, por obscena mesmo.

O papel da cigarreira de Merimée é duro para uma certa parte do publico, que não conhece muito de perto este personagem, que escalou á força de talento as regiões lyricas em que vivem a Margarida, a Ophelia, a Desdemona, a Norma, a Semiramis, a Mignon, a Lucrecia. A platéa de S. Carlos está habituada a ver uma Carmen italianisada, mascarada em pessoa quasi decente, uma *Carmen* para uso de *pension des demoiselles*, como lh'a apresentou a sr.ª Novelli, e as suas successoras incluindo até a propria Patti, uma Carmen fina; Carmen de sala, em vez da Cigarreira do *Hotel para pernoitar* do patusco Lillas Pastia.

Ora dadas essas Carmens que tem passado com applauso, comprehende-se que esse mesmo publico que as tem achado boas, achará más aquellas que não se parecem com ellas.

A sr.ª Leonardi principia a não se parecer, principia a dar-nos um bocadinho, muito pouco sim, mas um bocadinho da verdadeira *Carmen*.

E o publico escandalisou-se com isso e começou a ver os defeitos da artista em vez de apreciar tambem as suas qualidades.

Nós não o imitamos: não morremos d'amores pela Carmen d'este anno; reconhecemos que não é uma Carmen magnifica, mas reconhecemos tambem que de todas as artistas que tem feito em Lisboa a famosa opera de Bizet, a sr.ª Leonardi é aquella que se aproxima um pouco mais, apezar de estar ainda muito longe, da Carmen de Merimée.

E já não nos parece tão pouco como isso.

Gervasio Lobato.

MEISSONIER

Falleceu em Paris no dia 31 de janeiro ultimo o celebre pintor francez Meissonier, cujo nome é universalmente conhecido.

A morte de Meissonier é uma verdadeira perda para a arte, porque são raros em todos os tempos os artistas do seu valor.

Pintor antes da photographia, elle apresentava nas suas tellas, pintadas com uma minuciosidade e correcção impeccaveis, promenores como nem sempre a photographia consegue reproduzir com a nitidez e agudeza que elle alcançava, nos seus pequenos quadros pezados a ouro.

D'elle se póde dizer *Maxime mirandus in minimis*, ou como elle classificava o seu estylo «Vêr em grande e executar em pequeno.»

E tomando a palavra vêr na accepção que ella tem na arte, pode-se dizer que Meissonier se orgulhava n'isso com razão porque elle sabia vêr como poucos e executar como raros.

* * *

João Luiz Ernesto Meissonier, cujo retrato illustra a nossa primeira pagina, nasceu em Lyão a 21 de fevereiro de 1815.

Era filho de um pequeno commerciante e de uma habilidosa pintora de porcellanas de quem parece ter herdado a delicadeza do seu desenho a par da prespicaz observação dos seus olhos.

Foi difficil a educação artistica do futuro pintor, devida á escacez de meios e os seus biographos dizem que elle pintou copias de quadros para exportação aó preço de cinco francos o metro quadrado, para sustentar-se nos tempos de estudante, assim como pintava, de sociedade com Trimolet, aguarellas, panos de leques, miniaturas para missaes, emblemas para livros, etc. porque a mezada que seu pae lhe dava de 15 francos por mez, nem para comer lhe chegava.

Foi por isto mesmo que Meissonier antes de ser conhecido como pintor de alto merecimento, foi conhecido como desenhador de illustrações e os seus primeiros trabalhos n'este genero, apparecem na *Histoire de l'Aucien et du Nouveau Testament* editado em 1835 por Curmer, e em que collaboraram Wather, Rogier, Devêrea, Levasseur e outros artistas notaveis, ao tempo estudantes com Meissonier.

M. Burty conta do seguinte modo a apparição de Meissonier no mundo artistico em 1832 e de como estabeleceu as suas relações com o editor Curmer.

Meissonier dirigiu-se um dia ao estabelecimento do editor Crumer e perguntou a este, sem receios, se lhe acceitava alguns desenhos para as suas edições.

Crumer olhou-o attentamente e gostou da vivacidade e desassombro com que se lhe apresentava o jovem artista, ao qual perguntou muito benevolamente:

— Que sabeis fazer?

— Isto, respondeu Meissonier, abrindo a carteira e mostrando quatro desenhos, que n'ella trazia.

Crumer, homem extremamente pratico no seu mister e bom, contemplou em silencio os desenhos e depois de bem os ter examinado disse:

— Acceito. Quando quereis principiar?

— A toda a hora, respondeu enthusiasmado Meissonier.

E assim principiou a sua vida de illustrador pela *Histoire de l'Ancien et du Nouveau Testement*, a que se seguio a nova edição do *Discours sur l'Histoire Universelle*, de Bossuet, o poema de Lamartine, *La Chûte d'un Auge*, *Paul et Virginia* e *La Chaumière indienne* de Bernardino de Saint Pierre, *Les Français peints pur eux-mêmes*, cujas paginas fôram illustradas tambem por Gavarni, Mounier, (Henrique) e Trimolet, os *Contes Rémois* e os bellos typos do *Agente de Cambio*, o *Modelo do Artista*, o *Sportman parisiense*, o *Pescador de cana*, o *Bibliophilo*, o *Cego* e outros mais, assim como muitos desenhos de paisagens reproduzidas primorosamente.

Taes foram os principios do insigne pintor que a critica considera como o continuador da escóla pictorica hollandeza dos Metzu, dos Mierés e dos Dow.

Foi em 1834 que Meissonier expôz o seu primeiro quadro no *Salon*, o *Bourgeois flamands* ou *Visite chez bourgmestre*, o qual fazia parte da collecção de Ricardo Wallace.

A impressão agradavel produzida no publico por este primeiro quadro, foi sustentada em todas as obras de Meissonier, cada vez mais admiradas e inimitaveis.

Levar-nos hia longe a inumeração de todos os quadros do eminente pintor, não deixaremos, porém, de mencionar *A Partida de Xadrez*, *O Doutor inglez*, *Religiosas consulando um enfermo*, *O Leitor*, *Um Alabardeiro* e *Friedland* vendido para a America por cincoenta e tantos contos e *Salferino* adquerido por Napoleão III por trinta e seis contos do réis e que está hoje no museu de Luxembourgo.

Quando as obras d'um artista chegam a alcançar estes preços fabulosos, o seu merito está acima de toda a critica e tem entrado na ordem dos grandes mestres, em que os defeitos que se lhe possam encontrar são generosamente resgatados pelas bellezas incontestaveis que os acompanham.

E' assim que tendo Meissonier, muitos inimigos provocados pela altivez do seu caracter, esses mesmos tem que confessar a superioridade do grande mestre.

Meissonier obteve no *Salon* toda a escala de premios que ali se conferem e mereceu do governo francez o chegar a ser gran-cruz da Legião de Honra, unico pintor até hoje a quem tem sido concedida tão elevada distincção.

Pertencia ao Instituto de França, onde entrou em 1861 e succedeu a Abel Pujol tomando assento na cadeira duodecima d'esta respeitavel e illustre corporação.

Meissonier possuia um atelier em Paris e outro em Poissy, onde viveu durante a guerra franco-prussiana, guerra em que tomou parte, organisando o corpo de artistas que tão heroicamente se bateu em Buvenval onde morreram Regnault e se cobriram de gloria Brown e Manet.

A morte d'este illustre pintor, foi registrada por toda a imprensa com o maior pezar por tão grande perda e entre as manifestações de sentimento dirigidas á viuva de Meissonier, conta-se a do imperador Guilherme II da Allemanha.

Apesar, porém, d'esta prova de consideração dada pelo imperador á viuva do grande artista, ella não poude esquecer a susceptibilidade do seu paiz para com a Allemanha, e tratando esta potencia de convidar a França a concorrer á grande exposição que prepara em Berlim para 1896, a viuva de Meissonier foi das primeiras a declarar que se seu marido fosse vivo não concorria áquella exposição.

Vê-se que a viuva de Meissonier participa da altivez e austeridade de caracter de seu marido, e acima do seu amor proprio tão bem lisongeado, põe o amor da patria, no que de resto honra o inimitavel pintor, que tanto trabalhou pela grandeza da arte do seu paiz.

Não lhe queiramos mal por isso.

Caetano Alberto.

AS NOSSAS ILHAS DE CABOVERDE

S. VICENTE

E' do promontorio, ou cabo Verde que lhes vem o nome.

Os romanos chamaram-lhe *Hesperium promontorium* ou *Arsinarium Africa*. Foi Diniz Fernandes quem em 1443 assim o chrysmou ao ver este promontorio todo coberto de verdura e coroado por enormes *baobabs* ou imbondeiros, arvores gigantescas que os naturalistas denominam collosso do reino vegetal. As ilhas de Cabo Verde, assim chamadas pela visinhança do Cabo, devem ser tambem as que os romanos e carthaginezes denominaram Gorgonidas, que se erguem das aguas ao sul das Afortunadas ou Canarias.

O archipelago compõe-se de dez ilhas e alguns ilheus, é dividido administrativamente em dois grupos. O do sul denominado *Sotavento* contem quatro ilhas: — S. Thiago, Fogo, Brava e Maio. O do norte *Barlavento* abrange seis ilhas: Santo Antão, S. Nicolau, S. Vicente, Boavista, Sal e Santa Luzia; é proximo a este grupo que ha alguns ilheus e baixos.

Em um admiravel trabalho do sr. Antonio de Paula Brito, intitulado *Subsidios para a chorographia da ilha de S. Thiago de Cabo Verde*, encontramos que «o mar d'este archipelago abunda em peixe, apparecendo n'elle muitas baleias, possuindo tambem muito e bom coral de que só alguns hespanhoes e italianos se aproveitam, sendo para lamentar que desde a destruição da villa dos Alcatrazes na ilha de S. Thiago, até hoje não tenha sido creada uma companhia de pescaria nacional.»

Já aqui o dissemos na secção «Os meus livros». [1] referindo-nos a um opusculo *Systema Caboverdiano* do nosso querido amigo Freitas e Costa, — que as pescarias do coral de Cabo Verde aproveitavam exclusivamente aos italianos, porque o vendiam depois aos joalheiros de Lisboa e Porto, como oriundos de Veneza; e este coral *adriatico* é o do porto de Tarrafal na praia de oeste da ilha de S. Nicolau!

Como a nossa gravura representa o porto de Mindello na ilha de S. Vicente trataremos particularmente d'esta ilha que pertence ás do grupo de Barlavento.

Fica a ilha de S. Vicente a oito milhas da de Santo Antão.

E' montanhosa, S. Vicente, comtudo a maior elevação das suas montanhas não excede 1.000 metros de altura acima do nivel do mar como por exemplo: o Tope Galã, o Monteverde assim chamado pela muita vegetação que o reveste, e a montanha da Cara de Nelson ao nonoroeste do Porto Grande que banha a villa do Mindello, principal povoação da ilha de S. Vicente.

A montanha Cara tem a exacta configuração de um rosto humano, lembrando o topete, as cabelleiras de 1790, os marinheiros chamam-lhe ha mais de um seculo: — a cara de Nelson!

O Porto Grande, ao Norte da ilha, é digno do nome, pois tem perto de uma legoa de bocca e milha e meia de fundo.

Toda a navegação importante da Europa para a America do Sul e para a Africa toca toda em S. Vicente onde ha ricos depositos de carvão.

O inglez cubiça-a e explora-a como terra sua, com largo gravâme para o commercio e industria portugueza.

N'este sentido e fazendo nossas as palavras do primoroso escriptor e nosso velho amigo Freitas e Costa diremos com elle: — S. Vicente anima-se, prospera a olhos vistos; mas vive e medra parasitariamente da forçada contribuição do estrangeiro. Importa que S. Vicente, ou antes a cidade do Mindello, possa offerecer regallos, commodidades e passatempos aos viajantes e forasteiros que por desfastio ou para negocio a visitem. Convem que ahi se estabeleçam restaurantes, casinos e bem cuidados hoteis, onde, a exemplo do que na Madeira succede, possam nacionaes e estrangeiros retemperar para as fadigas da viagem o animo abatido, ou esquecer por algumas horas de delicioso abandono os tormentos d'essa horrivel cousa a que se chama enjôo. E d'esta sorte o Mindello terá ganho honesta e dignamente com centuplicado lucro e muitas sympathias o que, forçadamente e por não haver melhor, os passageiros lhe deixam. Corre bem longe do meu patriotico empenho, — accentue-se de vez — a absurda lembrança de pedir para S. Vicente de Cabo Verde as delicias capuanas e aristocraticas de Nice, ou as maravilhas culinarias e artisticas do Café Riche ou do Hotel Continental. Não, mas uma *brasserie* bem montada, um casino, um restaurant e um simples *hotel dos dois irmãos unidos* seriam gulosamente apreciados pelos passageiros em transito. Não passam por lá caravanas sybariticas; passam viajantes, isto é, as creaturas mais bem dispostas d'este mundo para acharem delicioso um jantar modestissimo, comtanto que... lh'o sirvam em terra. Se o Mindello tivesse em vez das baiucas sordidas que por ali se encontram, um ou mais hoteis de tracto limpo e de agasalho commodo, muitos passageiros que fazem de um só follego longuissimas viagens, dariam por sem duvida á cidade africana as honras... e o proveito d'uma estação de repouso. Especialiso enfermos, que só á custa de sacrificio grande e enorme risco, consummam tão dilatadas viagens nas *gavetas* dos seus camarins liliputianos. A par de este conforto individual que a forasteiros se deve, cumpre não esquecer que os minotauros da navegação moderna devoram quotidianamente em provisões e refrescos de toda a natureza, cem vezes mais do que o fabulado monstro dos labyrinthos de Creta. Prover abundantemente a ilha de carvão de pedra e mantimentos, é pois de intuição banalissima e de correcto e superior alcance: mas não o é menos a abertura e fundação de uma doca de construcções e reparações navaes, bastante ampla e bem montada, não só para serviço dos vapores que demandarem o porto, como ainda e principalmente para n'ella se construirem e repararem os palhabotes e faluchos indigenas da navegação costeira do archipelago. Alguns rebocadores poderosos e escaleres ou lanchões a vapor completariam o systema de melhoramentos banaes, mas perfeitamente indispensaveis, que S. Vicente requer.

Este é tambem o nosso parecer sobre o desenvolvimento da ilha de S. Vicente, de cuja importancia se occupa a publicação do governo *Annuario Estatistico de Portugal de 1886*, dando o seguinte movimento da sua população: — varões 3:613 — femeas 3:729 — o que dá a totalidade de 7:342 individuos, habitantes de S. Vicente.

Ora pelo censo de 1878 os habitantes de S. Vicente de Cabo Verde não passavam de 3:297 entre femeas e varões!

É incontestavel pois que a ilha tem progredido. Essa ilha de que ainda ha pouco o illustrado contra-almirante da nossa armada, o sr. Antonio do Nascimento Pereira Sampaio, dizia n'um parecer apresentado á secção competente da Sociedade de Geographia de Lisboa «que o porto de S. Vicente, é ainda ponto de passagem a todos que cruzam o Atlantico com destino á America do Sul, e á Africa, Asia e Oceania pelo Cabo da Boa Esperança.»

No livro *Noticias e considerações*, sobre a nossa Africa Occidental do illustrado escriptor Francisco Travassos Valdez, encontramos a seguinte noticia historica da ilha de S. Vicente.

«A ilha de S. Vicente foi descoberta ao mesmo tempo que a de S. Nicolau, em 1465, e doada depois ao duque de Vizeu, na ideia de que trataria de a colonisar com gente das ilhas visinhas; tal colonisação porém não se realisou, e a ilha ficou esquecida quasi até ao seculo XVIII.»

«Em 1781 foi mandada povoar regularmente, assim como as demais ilhas desertas do archipelago, o que todavia só se levou a effeito em 1795, quando João Carlos da Fonseca, proprietario da ilha do Fogo, obteve licença para ir povoar com vinte casaes d'aquella ilha, sendo nomeado capitão-mór.»

«Mas apesar das despezas feitas por aquelle capitão-mór, tão superiores ás suas forças que chegou quasi á mendicidade, não obstante os esforços do governo da metropole, e sem embargo do grande empenho que n'isto pôz o governador José da Silva Maldonado de Eça, não se obteve senão a agglomeração de umas poucas de choupanas, a que se deu o nome de Povoação de D. Rodrigo.»

«Em 1819 estavam já quasi todas por terra, e não havia talvez mais de 120 habitantes em toda a ilha, de modo que frustou isto inteiramente o plano do governador Pussich de para ali transferir a capital da provincia, querendo erigir uma denominada Villa Leopoldina.»

«O nobre visconde de Sá da Bandeira, que sempre tem mostrado o mais sincero e ardente desejo de fazer prosperar as colonias de Portugal, determinou em 1838 que se fundasse no mesmo logar uma povoação com o nome de Mindello, em memoria do desembarque do imperador com o exercito expedicionario nas praias do Mindello, em Portugal; vinte annos depois, em 20 de abril de 1858, foi esta povoação, contando já bastantes edificios urbanos, elevada á cathegoria de villa.

«Segundo os esclarecimentos prestados pelo administrador do concelho da villa do Mindello em 12 de novembro de 1858, havia já quatro ruas, quatro travessas, dois largos e cento e setenta habitações com 1:400 habitantes.»

Hoje a cidade do Mindello é habitada por mais de sete mil individuos que occupam mais de mil e trezentas habitações.

Manoel Barradas.

[1] Occidente n.º 431, vol. XII.

AS NOSSAS GRAVURAS

COLYSEU DOS RECREIOS

«A MARCHA AEREA» DAS IRMÃS AUSTINS

Um dos exercicios gymnasticos que mais tem surprehendido os espectadores do Colyseu dos Recreios são os trabalhos executados pelas irmãs Austins, duas gentis americanas que são duas artistas consumadas, pela perfeição e segurança com que desempenham os seus difficeis e arriscados vôos de trapezio a trapezio a toda a altura do circo, assim como a marcha que uma d'estas artistas realisa sobre uma tabua, suspensa no ar, caminhando na posição anormal de pés para cima e cabeça para baixo, como se vê na gravura fig. 1.

Se os exercicios das irmãs Austins são extraordinarios pelo arrojo e pela graça com que os executam, o da *marcha aerea* (assim lhe chamaremos) é surprehendente e decerto custará a acreditar a quem o não tiver visto.

Entretanto, como todas as cousas humanas, tem uma explicação que a sciencia se encarrega de dar.

E' no *Scientific American*, periodico que se publica em New-York, que encontramos a demonstração scientifica d'este caso, objecto de tão justa admiração.

Foi ainda não ha muito, que na America se realisou a exhibição publica da *marcha aerea*.

Os meios para isso empregados são os seguintes:

Dois discos de cautchouc de 11 centimetros de diametro, e 15 millimetros de espessura concavos n'uma das suas faces, tem na outra um engenhoso apparelho d'aço que permitte ligarem-se solidamente aos pés do caminhante como se vê na fig. 3.

Este apparelho composto de arames d'aço, veja-se a fig. 2, ligando-se perfeitamente á planta do pé, deixa a este uma certa liberdade de movimento nas articulações, de modo que quando o pé pousa na tabua, perfeitamente polida, e carregando para a frente, faz mover uma valvula que deixa sahir pelo lado opposto todo o resto d'ar comtido na parte concava do disco de cautchouc fazendo com que este adhira completamente ao pé e á tabua por meio da pressão do ar e ter-se-ha estabelecido o vacuo.

Uma outra molla do mesmo apparelho, obedecendo ás articulações do pé ajuda este a levantar-se na frente, e a abrir a valvula por onde entra de novo o ar, podendo assim o mesmo pé despegar-se da tabua.

Comprehende-se facilmente que toda a difficuldade d'este exercicio está na certeza e methodo com que se devem mover os pés, observando que não se poderá levantar um pé sem que o outro esteja perfeitamente collado á tabua, em que se realisa a marcha. Esta difficuldade não é pequena e só os repetidos exercicios, grande presteza e não menor arrojo, permittem realisar praticamente a *marcha aerea* com a perfeição e naturalidade com que a vimos fazer pela irmã Austins.

Deve-se ainda observar que, tendo os discos de cautchouc 11 cent. de diametro pode-se avaliar a superficie correspondente em 105 millimetros quadrados, a que corresponde uma pressão athmospherica de 108 kilogrammas.

Calculando o pezo da pessoa que realisa a marcha em 60 kilogrammas, vê-se que ha ainda uma margem sufficiente para prevenir qualquer imprefeição do apparelho ou do movimento dos pés que não deixem fazer completamente o vacuo.

Apesar de todas estas seguranças, o exercicio é tão arriscado e o seu resultado tão incerto, que é indispensavel para realisar a *marcha aerea*, o collocar por baixo do arrojado caminhante, uma rede que o receba no caso de cahir.

O mais importante n'este caso é saber e poder cahir bem, para não alvoroçar os espectadores, e não partir a espinha dorsal ou outros quaesquer ossos. E' uma habilidade emfim!

BULHÃO PATO

(Continuado do n.º 438)

Por felecidade que nos resta algo de suas conversas e discursos, vislumbres talvez, talvez lampejos, em suas *memorias*: — ora politicas quer lit-

terarias, ou artisticas, esmaltados de perfis graciosos de mulheres, formosas hontem, mortas hoje, sempre poeticas na lembrança, que agora as idealisa pela saudade, e pela phantasia. Eu o creio, sim; as suas *memorias* são conversas escriptas, confidencias de um coração, que tudo vio á luz do seu amor pelas cousas e seres, que só d'isso viveram. Ficarão, como aquelle raio de poesia e de sentimento, que doirou os dias breves de uma sociedade, ao meio de seus progressos, desesperanças, illusões, desillusões, paixões, e da vorecem n'um baile e tropeçam n'um tumulo; aquellas mulheres que usavam *crinoline* e bandós á imperatriz Eugenia; os versos elegiacos dos albums; as juras de eterno amor infindo; as obras artisticas de pequeno vulto, mas entremiradas pelo monoculo de augmento da imaginação romantica; e tantas *silhouetes* de elegantes, como já agora se não veem, de uns que sabiam endoidecer incautas mulheres formosas, que desejavam ser endoidecidas; homens como o Conde de Carvalhal, sempre fidalgo, abundante de graça, que a tinha por egual aunos da mocidade. De tudo isto se formam e fallam aquellas *memorias* do poeta, ou melhor aquellas suas conversas. Ellas revivem o drama das luctas civis; a praça publica e os cafés, onde, á maneira da peninsula romantica, eram victoriados os bravos da idéa nova; o borborinho das multidões, o borborinho dos parlamentos; os nomes celebrados da côrte, os da politica, os das lettras: — Herculano, um pensador; Rebello da Silva, um estylista; Castilho, um classico; Garrett, um artista; José Estevam, um tribuno; João de

AFRICA P

S. VICENTE

(Segundo

sua tão rapida transformação. Serão documentos para uma historia, a historia intima de homens, cujos filhos de phisionomia differente, só na leitura d'essas paginas comprehenderão a seus paes, porque só ahi se encontra a sua figura e a sua flama da vida. Em muitas, já publicadas em tantas folhas volantes, lá se nos deparam typos de accentuada feição portugueza: — aquelle moço, heroe nas vanguardas de D. Carlos, que no Campo de Sant'Anna foi elegante e destro cavalleiro nas lides da tauromachia; aquelle orador eminente nas refregas do parlamentô e das *bernardas*, agora regressando do homisio, para entrar em novo ministerio, aclamando-o o hymno da *carta* ou o da *patuleia*; e depois as paixões romanescas, que al- á sua elegancia; sabendo gastar e sabendo vestir. E o perfil de Leão Gathay, entrevisto solitario em Roma, a enflorar melancholias da sua conspiração com o Mingheti, elle que em Lisboa, sendo-lhe cumplice a hospitalidade portugueza, só conspirava em prolongar a vida, na mais dôce philosophia! e outros, de quem, se não fôra a penna do poeta, somente se diria d'elles sobre o seu tumulo: — aqui jaz o rumor do vento! Em todo o caso phisionomias que tiveram uma hora, um dia, um momento de attenção e de gloria, nem sempre ephemera, porque n'este mundo fugaz, o encanto, o espirito, o enthusiasmo, são notas harmoniosas, e recordam sempre, pois ha uma cousa que tambem passa e não esquece nunca: — os Lemos, um trovador; Rodrigo de Magalhães, um raposa. Fontes, um diplomata. E tantos que fizeram revoluções, inspiraram paixões, cantaram versos — em epocas de lucta accesa dos partidos lyrycos no theatro de S. Carlos, quando a Tedesco cantava, e a Bernardi suspirava; quando o marquez de X. cabeça dirigente de todos os *dandys*, ia de seus ditos extravagantes a suas extravagancias inauditas, das quaes a ultima foi na camaradagem de Prim, que se divertio em destruir um rei para construir um outro; emfim de tudo se conversa n'aquellas memorias — do elenco da companhia politica, e do elenco do *çorpo* de baile; da opera e da opereta; de Offenbach e do illustre Rossini. De tudo se conversa; e o poeta levanta o

veu do esquecimento de sobre mortos e mortas, amados emquanto vivos, agora credores de uma lembrança; e que, revivendo em sua formusura e talento, dão relevo especial áquellas paginas — meio chronica, meio legenda. E' que o escriptor nem sempre esteve do lado das nuvens, nem sempre tambem do lado da terra firme. E de outro modo não poderia succeder, pois o condusiram as musas todas do romantismo — a mocidade, a imaginação, a poesia, a paixão e a melancholia.

o tempo e a experiencia lhe fossem transformando o assumpto de versos e cantos, n'elles se encontra o sentir desaffectado, aquelle influxo da natureza e do coração, que é a vida propria. Foi esta a razão porque elle ficou, e tantos outros passaram breve. E' que, a despeito da admiração dos homens do seu tempo pela escola romantica, não de extranhar, porque todos lhe obedeciam em Portugal e nos outros povos, — o poeta não perdeu a sua phisionomia portugueza; portugueza na figura animada de olhos negros, vivos e penetrantes, na phrase

Academia.[1] Em toda a sua obra nada ahi existe, que soffrer possa uma condemnação: — é um orthodoxo. Respeita as amisades antigas, as velhas afeições. Se vae á ilha da Madeira despedir-se do conde de Carvalhal, seu amigo dos annos juvenis; vae egualmente a Santarem curvar-se reverente aos pés do leito de agonia do homem, que lhe foi pae, amigo e mestre. *Os ultimos momentos de Herculano*, pintam a sua magoa. E' a dor soluçante de um philosopho que chora o desapparecimento do chefe da sua escola, e que tão apenas

RTUGUEZA

ABO VERDE

otographia)

Aqui deixamos o rapido escorso de um poeta, devoto da arte e do pensamento, e que egualmente foi um apaixonado da fórma, um amoroso do verso, um humorista da palavra. Veio do meado do seculo, quando surgia uma litteratura, cujas tendencias e manifestações, decerto influiram em seus versos e nos seus livros. Tendo elle o viço e frescor dos 25 annos, outros escriptores mais edosos, mas robustos e crentes, escreveram e dominaram; mas então tudo era moço: — as idéas e as formas porque se traduziam em vulgar. Elle foi na corrente, sem todavia faltar com a indole propria, a que chamavam inspiração, e que outra cousa não é além do feitio individual no crêr, no pensar e no poetar. Teve esse feitio. E mesmo que

sonora, cantada, imaginosa, na simpleza de seus versos, que por vezes relembram a canção popular, pelo seu lyrismo, melancholia e affectos. Eis porque o festejaram nas sallas, nos semanarios de letras, nas regiões mais aflastadas de nossas montanhas, onde aos serões a gente môça ora o ouvia, ora o recitava ao piano.

A esta luz deve ser visto o homem, que principiando de ser um poeta de devaneios, progride do futil conto, uma das formas do sonho, aos trabalhos litterarios e uteis da idade madura, em que é obrigação do escriptor dar a seus conterraneos, mais que o perfume de seu talento, a sua flôr e o seu fructo. De tal sorte procedeu o poeta; e sirvam de exemplo os seus trabalhos serios na

se encontra resignado por lhe ser crença — a sua immortalidade. De resto, assim em toda a sua existencia. Sempre viveu com os grandes, e sempre viveu pobre. Convidado para deputado e a ser vice-presidente da Academia, de que é presidente o rei, sempre recusou. Homem honesto, a sua honradez reverbera em toda a sua casa, onde lhe confiaram para o serviço domestico duas creanças, que apenas viu crescidas as assentou á sua mesa, ao lado de sua irmã, uma santa velhinha, que o adora. Quando ámanhã descer ao tumulo, irá escoltado d'estas recordações, de muitas

(1) Decada XIII de Antonio Bocarro — 2 vol.
Livro das Monções — 3 vol.
Cartas de Affonso de Albuquerque — 3 vol.

saudades, e da poesia de seus versos, que ficarão sempre repetindo:— foi um aventureiro do bem e um servo da virtude.

Lisboa, 25 de fevereiro de 1891.

Conde de Valenças.

SUICIDIO

Emquanto a diligencia esperava no A... os passageiros que almoçavam, fomos nós andando estrada fóra, para aquecer os pés, e estender as pernas.

A manhã estava fria a valer, mas linda como costumam ser as manhãs de inverno, quando o sol brilha radiante, illuminando mil pequenos detalhes da paysagem, que se estende com uma nitidez adoravel de linhas e contornos até aos mais longiquos horisontes.

Caminhavamos silenciosos, a imaginação embebida no soberbo espectaculo que a natureza alegre e risonha desenrolava á nossa vista. Aquellas massas verde negras dos pinhaes, contrastando com o verde esmeralda das pastagens, a alvura deslumbrante dos casaes sobre cujos telhados espiralava o fumo tenue dos lares acesos, o tom azulado das montanhas que ao longe se recortavam caprichosamente sobre um fundo intenso de côr, tudo emfim, infiltrava-nos no espirito uma doce e pacifica alegria, um anceio doido de ali ficarmos eternamente absortos, abysmados na muda contemplação da natureza creadora, como se, aos vinte annos, já nos sentissemos fatigados da lucta pela vida, como se n'essa edade feliz, já o espinho cruel da amargura nos tivesse ferido de morte!

O meu companheiro quebrou o silencio, e murmurou:

— Como isto é bello e como me sinto feliz n'este instante!

Effectivamente a physionomia do João era muito differente da que eu estava acostumado a vêr.

Sorriam-lhe os labios; havia brilho n'aquelles olhos verdes, habitualmente amortecidos, e as rugas denunciadoras de um grave e precoce soffrimento tinham desapparecido como por encanto.

Iria eu emfim, entrar no mysterio d'aquella existencia tão curta ainda, mas que de certo, já por mais de uma vez teria provado do calix da amargura?

Era possivel, seria certo mesmo, se houvessemos tido tempo para confidencias n'aquella occasião. De episodio em episodio, aquelle homem ter-me-hia contado a sua vida, que eu agora irreverente approveitaria talvez, n'esta febre de escrever alguma cousa, para encher umas columnas do jornal.

Abençoada diligencia, que chegaste a tempo de impedir que eu commettesse uma indiscripção, porventura grave!

. . . .

Quebrado o silencio, a conversa cahiu naturalmente sobre episodios passados da nossa vida de estudante, que em breve tempo abandonariamos.

Eram reminiscencias da vida de bohemio que elle durante largos annos arrastára por essa Lisboa, longe da familia, no convivio, quasi sempre pouco agradavel, da gente das casas de hospedes, que enxameiam os bairros mais populosos da capital.

As noites de pagode, as orgias baratas ao alcance da sua magra bolsa de estudante, as pequenas miserias motivadas por falta de dinheiro nos fins de cada mez, tudo isso elle conhecera, tudo sabia avaliar, e tudo recordava agora com tanta saudade quantos desejos tinha outr'ora de acabar depressa a massada dos estudos.

Todos os seus companheiros lhe passaram n'esse instante pela memoria, e de cada um me ia dizendo o destino que tivera, até que por fim fallou de alguem que eu tambem conhecera.

— E' verdade, perguntei — que é feito do Vicente?

— Emigrou. Foi para o Rio de Janeiro e não sei se é vivo ou morto.

— Era doido, aquelle diabo!

— Como sabes frequentou dois annos a cadeira de mathematica e de ambas as vezes ficou reprovado. Desgostoso, abandonou os estudos e lá foi para o Brazil procurar fortuna. A ultima vez que elle foi a exame, deu-nos bem que fazer a mim e ao Leal que eramos seus companheiros de casa. Tinha manias o Vicente, e nós sentiamos que em uma bella occasião teriamos de communicar á sua familia alguma noticia desagradavel.

N'esse dia ao entrar em casa, encontrei o Leal e a patroa muito apoquentados e impacientes pela minha chegada. O Vicente de volta da escola, viera triste e acabrunhado, fechara-se no quarto de onde sahiu pouco tempo depois, levando alguns livros e deixando uma carta para mim.

Abri a carta immediatamente e li as seguintes palavras que fielmente conservo gravadas na memoria:

«Amigo João

Se não me vires não me procures, antes geneflecte perante o creador e ora por mim. Teu extincto amigo

Vicente.»

Ah, meu amigo, se lá estivesses n'aquella occasião não te ririas como agora ris da carta do meu *extincto amigo*.

Escusado será dizer-te que não genuflecti perante o Creador, conforme elle me pedia e que immediatamente disse ao Leal o que se passava.

— Um suicidio, exclamou elle, desgraçado Vicente!

— Nada de exclamações, vamos procural-o.

— Procural-o? Aonde?

— Ao aterro, respondi immediatamente.

Não sei porque me lembrei do aterro, mas a verdade é que se alguma vez me passasse pela mente a idéa do suicidio, correria direito ao Tejo. Seria mais barato, poderia reconsiderar pelo caminho, e, alem d'isso, ainda teria probabilidades de ser salvo a tempo por alguma alma caridosa.

Isto passava-se por volta das duas horas.

Todos tinhamos ido a exame n'esse dia e ainda não tinhamos comido, pois bem sabes como se almoça mal nas manhãs de exame. Apesar de estar a cahir de fraqueza sahi para a rua, em companhia do Leal, que n'esse momento preferiria de certo uma boa refeição, a um passeio á beira-rio, áquella hora de calôr, em busca do desgraçado Vicente, como elle dizia, ha pouco.

Chegados ao aterro perguntámos a uns catraeiros se tinha havido algum suicidio, se um rapaz com taes e taes signaes tinha tentado contra a existencia.

— Nada, apenas na vespera, informou um d'elles, estivera em risco de afogar-se um banhista da «Deusa dos Mares».

— Ora cebo! rosnou o Leal muito mal humorado, não estou para massadas. O que fôr soará e leve o diabo o Vicente que, aqui para nós, não vae rico com a prenda!

E deixou-me só, entregue ás minhas infructiferas pesquizas.

Segui o meu caminho, philosophando com os meus botões, sobre o procedimento do Leal, e considerando que o sentimento da fome era na verdade superior a todos os outros sentimentos. Quando dei por mim estava em Alcantara e a respeito do Vicente, nada sabia.

Farto de andar, e vendo que seria tolice ir mais longe, voltei a caminho de casa já meio disposto a genuflectir perante o Creador, para allivio de consciencia.

Que diabo! já que o não podia salvar cumpriria ao menos a sua ultima vontade.

Ao passar pela rua do Arsenal, não consegui vencer-me. Da travessa do Cotovello partia um cheiro de iscas tão agradavel e consolador que eu não resisti e entrei na taverna pela porta dos envergonhados.

Não pódes de certo imaginar a minha surpreza. Sentado a uma meza, a face congestionada e o olhar vago e baço, que n'elle denunciavam um estado muito proximo da embriaguez, o Vicente preparava-se para esvasiar um enorme copo de vinho que tinha á sua frente.

— Idiota! exclamei, correndo para elle; que grande susto...

— Ah! sim, o suicidio, balbuciou, lá vou, descança .. Bem vês, tinha fome, empenhei os livros, comi bem, bebi melhor, e agora meu amigo até á eternidade...

Estava mesmo de todo...

. . . .

A guisalhada da diligencia, interrompeu-nos a tempo. Subimos para a imperial ao mesmo tempo que o cocheiro nos dizia com ar de galhofa:

— Safa! julguei que só em Lisboa os havia de encontrar!

E d'ahi até ás portas da cidade, onde nos separamos, não trocamos mais palavra, o João de novo entregue ás suas cogitações habituaes, eu pensando nas venturas que me esperavam em casa durante esses quinze dias de ferias que, ai de mim, passaram, passaram para sempre.

J. A.

SCENAS BURGUEZAS

(Continuado no n.º 437)

VII

Consequencias naturaes

Mario ia conhecendo a necessidade de se affastar da casa dos Carrilhos.

Ema escrevia cartas ao seu *bom irmão* Mario, e este raras vezes respondia, porque lhe eram entregues por ella propria como consultas em que se pedia o auxilio da sua experiencia do mundo e conhecimento das cousas e pessoas, e servir-lhe de bussola no *pelago da vida*. Assim decorreram mezes...

Um dia, Ema, teve um attaque de hysterismo mais grave que todos os outros porque em seguida se lhe manifestou a phtisica.

Mario Guerreiro lembrou-se de um expediente para salvar a Ema.

Escreveu uma longa carta e n'ella revellava á sua querida amiguinha Ema o amor que d'elle se appossara por uma menina pobre como elle, e onde lhe pedia o seu bom conselho. Porque elle resolvera não tornar mais a ver essa menina. Alimentar esse amor era torturar-se a si, e sacrificar «a pobre creança!» — que lhe dissesse a Ema se elle devia ou não deixar de frequentar a casa da familia da sua amada.

Ema percebeu tudo immediatamente, com essa extraordinaria lucidez que scintilla nos doentes assoberbados pela febre que os mina lentamente. E dois dias depois recebeu Mario a seguinte carta:

«Meu querido Mario

«Percebi tudo. Não Mario, não deixes de vir. Vem como sempre. Eu saberei conservar este segredo. Procedeste como homem o mais digno, e o unico a quem eu posso amar. Tu fizeste soffrer muito a tua Ema, durante tanto anno! sem nunca lhe dizeres que adivinhavas o muito santo e grande amor que ella sempre te dedicou. Foi preciso quasi que eu t'o dissese!... Afinal começou de fazer-se luz no teu espirito. E quando eu te disse antes de hontem: «Comprehenderem-me é tão difficil que não devo queixar-me de nunca encontrar a felicidade». Lembras-te?... escrevi o ha dias na tua carteira. E tu não imaginas a ventura que me deste ao dizer que a ninguem estimavas mais do que a mim!...»

«Meu sempre bom e querido Mario amo-te como só se póde amar o que é justo e grande. Porque tu tens sido heroico de abnegação, a ponto de eu nunca poder pagar os sacrificios que por mim tens feito. Olha, meu Mario, tu tratavas-me como uma creança, não me considerava á altura do teu grande espirito! E a prova é o que tu escreveste na mesma carteira de que fallo, em resposta ao meu desespero, prova da tua reserva ainda para comigo. Ora recorda a tua resposta: «Comprehender-te não é difficil porque na tua propria phrase revellas o que pretendes e onde para ti está a felicidade. Mas quando se dominam os sentimentos proprios melhor se póde fingir não conhecer os alheios».

«Olha, sabes, foste muito mau para a tua Ema. E foste mau porque fingias desconhecer os meus desejos, vendo tu que eu ia morrer se tu me não revelasses o que eu tanto anciava por ouvir de ti.

«Amei-te muito e sempre, e nem tu calculas quanto soffri por ter de fingir amor por outro, para ver se tu assim te decidias e para os meus não repararem no muito que te queria. Não reparaste?... Foi uma vez que eu me despedi de ti dizendo que ia fallar da janella á pessoa que tu sabias.

«Ah! mas quando vi que ia morrer n'uma lucta superior ás minhas forças não hesitei. Aqui tens a razão porque te escrevo.

«O teu amor, porém, vae resarcir-me de todas as amarguras, de toda esta maldade, oh! nunca me faltes. Sem esse amor que me salvou da morte, era-me impossivel a vida. Bem viste... a febre, o desanimo, o remorso de culpar innocentes, a desconfiança e desamor que me pareceu inspirar aos que me rodeiam, isolava-me de tudo e de todos, n'uma palavra: matava-me. Vem! vem sempre emquanto eu estiver doente! porque assim, como sabem que és muito meu amigo, não notarão que venhas ver-me amiudadamente. Vem o mais cedo que puderes meu querido Mario!»

«Ainda me parece impossivel tudo isto! E' tão inesperado o gozo de que sinto innundar-me a alma que chego a ter medo d'esta felicidade! Meu santo amor! Eu sempre te amei ouves? sempre!.. Ah! tu procedeste como o homem mais

honrado, e digno por isso do sacrificio de toda a minha vida...

«Adeus! responde que vens muito cedo! sim? o portador espera a tua resposta. E eu serei completamente feliz.

«Tua para sempre, *Ema.*»

Esta carta deixou Mario como que assombrado. Era impossivel recuar. Tinha de acceitar a situação como ella era.

A Ema desenvolvera uma superioridade de espirito, uma finura de sentimento que obrigou decididamente o Mario a entregar-se lhe. E amou-a.

Era um amor submisso com lagrimas e encantos que ninguem devia perceber. Com uma palavra mostrava-lhe ella o paraizo. Com a mais ligeira nuvem que ensombrasse a fronte de Ema carregava-se o parecer de Mario.

Como era grande e santo aquelle amor! Desejos de ella era ordens para elle. E se Ema duvidava em acceitar ou recusar qualquer favor do seu amante:

—E' impossivel. Não, não quero... custava-te muito.

Mais elle insistia para a convencer de que se não hesitaria ante qualquer sacrificio para lhe agradar. Os menores enfados de Ema pareciam ao Mario desgraças irreparaveis. Sem desgosto quebraria a penna e abateria o orgulho se o seu destino fosse elevar-se sem a Ema ao seu lado!... Que lhe importava, a elle, o preço de tantos sacrificios prestados, se ella lh'os agradecia admirando-os? E, tinha tanta fé n'aquelle affecto que ella chamava «o nosso santo amor» que chegou, como Balzac, no excesso de trabalho, a desafiar a morte. Ria-se dos perigos e do pezo da fadiga por mais penosa que fosse, por isso que o seu premio era ella.

N'elle, só a paixão sustentava o talento; se a imagem de Ema se lhe apagasse de repente no caminho, cahiria como que fulminado.

Ema fôra até ali sincera e leal, por isso os sentidos não tinham ainda profanado tanta adoração. Onde o coração vive soberano não é necessario imaginação para alimentar o fogo sagrado! Ella dizia com simplicidade « – Precizo de ti, não quero morrer.»

Os animos fortes quando são dominados não resistem. Assim aconteceu ao pobre Mario. N'essa vida assim, de intimidade, a alma entrega-se e não se emancipa senão por vontade ou imprevidencia da pessoa amada. Bastava um leve tom de contrariedade nos olhos de Ema para que os de Mario perdessem a intensidade altiva. Nos animos fortes é despotico este natural dominio: vencer pela força da fraqueza.

A contar do começo da sua mocidade já Mario absorvia todo o seu amor em Ema! Assim comprehendia-se que se ella o trahisse elle seria capaz de a matar, embora lavado em lagrimas, embora com o coração afogado em magoa. Mas se ella se tornasse alvo justificado do seu desprezo, seccar-se-iam as lagrimas, porque a dôr seria eterna.

— São duas creanças, vivem muito um com o outro, d'ahi esta amizade, dizia o Florencio.

Mas o certo é que o caracter de Ema que lhe pareceu reflectido e serio attrahio-o de todo. Se ella fosse infantil ou caprichosa não se entregaria tanto; mas... assim? Porque recearia confiar-lhe a sua felicidade, a sua honra?

Costumou-se a viver da ternura de Ema e do seu conselho quando se achava junto d'ella. Na ausencia fiava d'ella, como do Anjo do Bem, todas as difficeis situações da vida de um artista. Longe da vista de Ema todas as raras formosuras lhe pareciam menos bellas. O tempo nem a intimidade não consumiram, antes exaltaram o amor que se fez paixão. E que Amor!... As cartas resumbravam uma paixão sincera de admiração pela grande alma de Mario. Em uma dizia a Ema:—«Não posso viver sem ti, és o homem que o meu espirito sonhou, amo-te como o unico ente que o meu peito póde amar, tanto nunca tu o pensaste.»

Havia nos dois uma absoluta confiança. Que santo e grande amor!

Mario quazi vivia exclusivamente do seu sorriso, e no dia em que a Ema fosse falsa ou reservada estava perdida no conceito d'elle, porque este amor tinha sido para os dois uma chama casta que ainda lhe não accendera os sentidos.

Quando se ama assim, o desengano chega tarde e o coração só se despedaça de encontro ao facto esmagador quando n'elle se enterra a adaga da verdade. Isto succede uma vez, e n'esse dia não ha só um horrivel desmoronamento em todo o nosso ser, ha tambem um assombro, como o do raio, que instantaneamente paralysa toda a funcção de vida, — e eis porque o desengano excede a resistencia humana. Então não ha lagrimas por isso que essas só existem quando sabemos que são sentidas, seccam porém quando não teem onde cahir. D'ahi em deante pouco ha a perder, nem se aspira a mais nada, porque a illusão morreu. O *mundo* fica sem acção sobre nós pela razão de que deixamos de existir para elle. E depois de um tal desabamento só nos resta a solidão do trabalho. E de que serviria fallar da nossa dôr aos que nos rodeiam, se uns não a comprehendem e outros não a acreditam. As almas orgulhosas soffrem sós. E não acceitam consolações, pois quando são feridas de ninguem fiam o segredo do seu padecer, envolvem-se na noite do silencio e o dia só lhes volve momentaneo quando se encontram nos sitios em que foram ditosos. Só perante Deus estão bem. Ante o mundo a palavra é gelada, o sorriso é frio, — representa-se a velha comedia da mentira.

Dizem «esqueceu» ou «morreu» mas bem sabem que com certeza nunca lembrou nem viveu tanto nos reconditos do cerebro. Quando a alma não é pequena e o amor foi grande, tudo, depois, nos é intimamente indifferente, e ella mesma só vive verdadeiramente no logar em que amou: — então ha um banho de luz, como se violentamente nos transportassem d'um carcere escuro e humido para um campo cheio de sol!... Dos hombros saccode-se o pezo dos annos passados «depois que isto aconteceu». Tudo revive então; tornâmos a ver nitidamente a mesma imagem, a sentir as mesmas harmonias, a mesma voz, o ar, o perfume do momento.. E as narinas dilatam-se sentindo novamente o halito aspirado d'uns labios que os nossos estremeceram e que vibram ainda o encanto que outros muito trementes lhe transmittiram...

Ha homens incompativeis com a corrupção mas accessiveis á seducção do bello. E n'este caso a seducção não pode ser um vulgar coquetismo ou *flirtation*, apontado directamente á sensação brutal, nem ainda esse systema habil de que algumas mulheres se sabem servir alcançando aproveitar-se do que ordinariamente se chama *fraquezas de coração*. Mario Guerreiro se não era um homem *perigoso* como dizem as mulheres que fazem vida do galanteio, tinha um espirito fino, não se illudia quando lhe faziam a côrte, porque era então que se tornava excessivamente desconfiado; seduzia-o porém tudo que era bello, grande, nobre; sentia-se bem sob a doce influencia de Ema, nem mesmo queria reconhecer o ascendente que ella tinha sobre elle» *tornando-lhe caros os logares em que a tinha encontrado cheia de vida, brilhante de animação.*» Não queria ver que a doença a prostrava n'um casto abandono, pleno de uma tentação irresistivel!...

Mario Guerreiro via-a tão resignada com a dôr que a assoberbava na idade em que todas coqueteiam usofruindo a melhor parte do prazer, que elle, o austero puritano, não podia deixar de entregar-se completamente á Ema!

Elle vio-a bem animosa nos transes dolorosos, onde em seguida a uma tempestade de tosse secca, convulsa, aguda... conversava serenamente de modo cada vez mais sympathico e espirituoso.

Era assim que Mario Guerreiro lhe pertencia. Não pela seducção do corpo mas pelo poder extraordinario d'aquella alma inviolada.

*
* *

Mario conseguira pouco a pouco espaçar as suas vizitas até se afastar quasi de todo da casa dos Carrilhos, além de que uma noticia inesperada justificou, no seu espirito uma completa separação: um parente de Ema que estava vivendo havia largos annos na ilha de S. Thomé fallecera, deixando-lhe a ella uma fortuna não inferior ao liquido de setenta contos em moeda do reino.

Estava pois senhora de uma boa riqueza a Ema-sita.

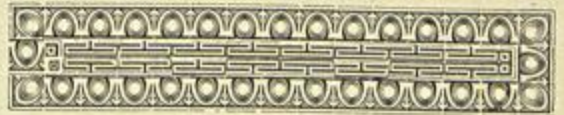
Haviam decorrido mais de quatro annos depois dos factos que temos descripto. Mario Guerreiro tornara-se jornalista politico, deffendendo as doutrinas democraticas e era ao presente director de um dos principaes diarios do paiz. Logo no segundo anno de jornalismo veio eleito deputado ás Côrtes.

Ema cuja vaidadesita se ferira por Mario não a procurar acceitava agradecida a corte da turba de pretendentes que lhe cahiam aos pés em grandes demonstrações de respeito, promettendo, todos, suicidarem-se caso Ema lhes recusasse as respectivas paixões. E, por isso ella tinha «uma grande zanga» quando via em algum periodico o nome de Mario Guerreiro seguido de elogios ao talento, á figura ou á voz d'este orador parlamentar.

— Ingrato, dizia, depois que é deputado nunca mais aqui veio.

Não era assim. Porque elle affastava-se justamente quando se chegavam os que nunca, junto d'ella, se haviam approximado.

Um dia, a saudade, o nervoso, e o desejo por tal forma invadiram e envolveram a Ema que não poude resistir, e, resolvendo a familia que recebera uns bilhetes de admissão *ás tribunas do parlamento*, offerecidos pelo general Accacio, lá foram caminho de S. Bento «ver, ouvir, o nosso Mario».

(Continúa) *Manoel Barradas.*

NOVIDADES DA SCIENCIA

PROCESSO DE ORIENTAÇÃO.—Na *Revue Scientifique* vem o processo seguinte: Se houver sol, e um bom relogio d'algibeira, toma-se o relogio na palma da mão fazendo-o rodar até que a linha da sombra de qualquer objecto vertical (lapis, faca, etc.) passe pelo centro do relogio e a metade da hora que fôr. Se forem 3 horas, por exemplo, será sobre o ponto *1 hora e meia* que deverá projectar-se a linha de sombra; se forem 10 horas e meia sobre o ponto das 5 horas e um quarto, etc.

Isto feito o diametro XII-VI se achará na direcção N. S e por consequencia estar-se-ha perfeitamente orientado.

Para comprehender o que deixamos dito, basta considerar o nosso relogio como se elle fosse um quadrante ou relogio de sol.

A sombra do estylete vertical, collocado ao centro, desviando-se 24.° de circumferencia por hora, está portanto a cada instante ao centro do arco descripto pela pequena agulha, porque esta mede 12 horas (em vez de 24) para descrever a circumferencia.

A PYROGRAVURA. — Processo de gravura *á ponta de fogo* inventado por M. Perier, ou antes aperfeiçoado por elle.

Proclama o inventor que desde logo que o proccesso se espalhe no estrangeiro penetrará profundamente na industria nacional.

Os que se teem dedicado á gravura á ponta de fogo, não tinham a seu serviço senão os instrumentos especialmente creados pela cirurgia, que M. Perrier foi o primeiro que os applicou á gravura sobre madeira.

Esses instrumentos apresentam muitos inconvenientes que o utensilio inventado por M. Périer trata de evitar pela sua disposição simples, pratica, facil e igualmente util aos artistas, aos industriaes e aos amadores.

Os lavôres feitos por esse proccesso em madeira, em couro, na tela, em veludos, de algodão e seda, são de bello relevo e de magnifico effeito á vista.

FERRADURAS DE PAPEL.—Falla-se muito actualmente, no mundo militar allemão, da substituição da classica ferradura por outra feita de papel comprimido que, junta a uma elasticidade muito favoravel, a propriedade, muito apreciavel, de se tornar insensivel á acção da agua e dos liquidos dos estabulos.

Eis, segundo o *Bulletin des fabricants de papier* algumas noções sobre o systema d'este novo fabrico de ferraduras.

A nova ferradura compõe-se de algumas folhas de papel sobrepostas umas nas outras e tornadas impermeaveis por meio de oleo de terebentina. A colla deve ser especial, composta de terebentina de Veneza, cré, gomma laca e oleo de linhaça lithargirico.

Tomam-se diversas folhas de papel, cortadas em curva, collam-se primeiramente e fazem-selhes os oito orificios. E' o objecto em acto successivo, submettido a forte pressão hydraulica e logo que esteja secco terminado á lima.

Pódem ainda fazerem-se de uma massa de papel misturado de saibro, terebentina, gomma laca, oleo de linhaça e lythargyrio, comprimindo-se tudo em uma prensa de maneira a obter pela dessecação uma massa perfeitamente homogenea e impermeavel. Mas a experiencia prova que a ferradura assim preparada é menos resistente e menos elastica que aquella que se faz com folhas de papel sobrepostas.

De resto uma e outra pódem applicar-se com os cravos usuaes, ou por meio d'uma colla composta de alcatrão mineral e cautchouc. *S. P.*

REVISTA POLITICA

Parece ter-se vencido a campanha do emprestimo, pois foi assignado no dia 26, do mez que acabou, o contracto provisorio, e dizemos parece, por esse contracto se chamar provisorio porque ha um ditado que diz: «entre a colher e a bocca cae a soupa».

A campanha parece vencida mas o contracto chama-se provisorio porque as camaras ainda o hão-de rectificar, condição sem a qual o emprestimo não se realisaria, como já tivemos occasião de referir aos nossos leitores.

Depende, pois, das camaras o emprestimo tornar se ou não um facto consummado e é sobre isto que se manifestam alguns receios, attentas as recommendações que, em geral, está fazendo a imprensa para que a disciplina dos partidos se conserve fiel aos seus chefes, que estão de accordo em que o emprestimo seja approvado, visto não se poder arranjar coisa melhor.

Afinal a palavra disciplina nunca teve tanto gasto como n'este momento em que a mesma palavra parece andar tão fóra dos diccionarios.

Nós parece nos que estes receios não tem fundamento e que só as circumstancias criticas da finança faz ter mêdo que os 45:000 contos se vão por agua abaixo depois de tanto suar em bica para os arranjar.

Não é o primeiro emprestimo usurario que infelizmente contrahe este paiz, pela fidalguia com que gasta sem se importar d'onde lhe vem, e se n'outras occasiões, porventura mais desafogadas, elle se sujeitou a usuras, seria incoherente não se sujeitar agora, por que emfim a coherencia é uma grande cousa ainda mesmo quando nos arranca a pelle.

Entretanto ha alguns politicos que parece não concordarem demasiadamente com as condicções do emprestimo, não sabemos bem se pela razão de haver muita gente que só acha bom o que é da sua lavra. Talvez seja isto.

Mas o que nós ainda aqui não dissemos é quaes são as condições do emprestimo, o que não deixará de interessar o leitor que ainda as não lê-se n'outra parte.

A principal condição do contracto é a adjudicação do monopolio do tabaco, sem concurso, aos contractadores do emprestimo, banqueiros francezes á frente dos quaes figura o sr. conde de Burnay que mais trabalhou para se realisar o emprestimo.

A companhia que toma o monopolio do tabaco pagará ao estado 4:250 contos em cada um dos dois primeiros annos e elevará progressivamente o preço do arrendamento até 4:550 contos o que só chegará a realisar-se nos ultimos 19 annos do contracto que é feito por 35 annos.

O governo poderá dar por findo o contracto ao termo de 16 annos, se assim lhe convier, mediante umas indemnisações que se diz serem menos onerosas do que as consignadas na lei do sr. Franco Castello Branco.

Os contractadores do monopolio emittirão obrigações de 500 francos, garantidas pelo thesouro, até á quantia de 45:000 contos que é o emprestimo, não entregando por emquanto os prestamistas mais de 36:000 contos porque os 9.000 restantes parece que são reservados para as casas Stern e Baring fornecerem ao estado.

O juro das obrigações garantido pelo thesouro é de 4 ½ por cento e aquellas amortisaveis em 35 annos.

São estas, em resumo, as condições do emprestimo, havendo umas alterações á lei do monopolio do tabaco que o governo quer submetter á approvação das côrtes, e que ainda não são claramente conhecidas.

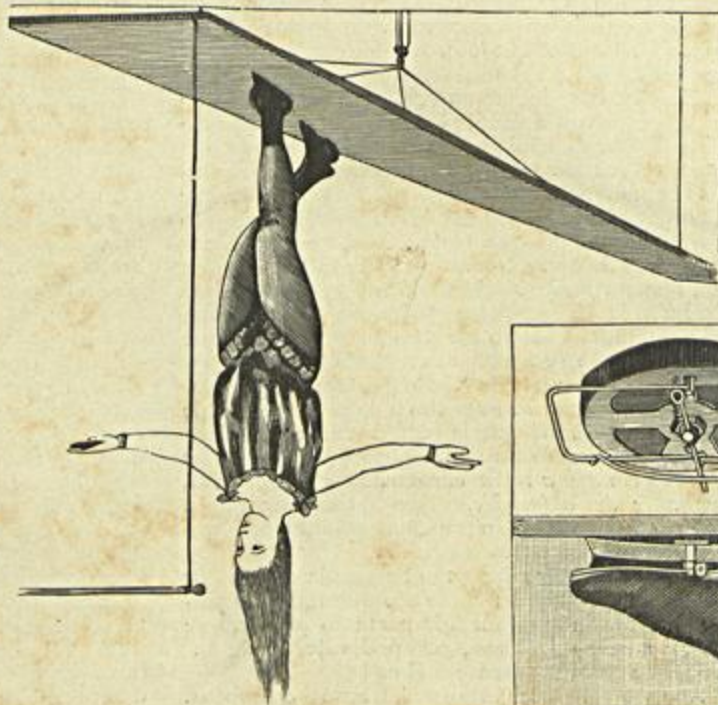
A preoccupação do emprestimo tem distrahido um pouco a attenção publica da questão ingleza, e a mesma attenção tambem se tem fixado mais nos julgamentos dos implicados na revolta militar do Porto, julgamentos que principiaram hontem em conselhos de guerra e que estão aguçando a curiosidade publica com as variadas versões que correm a este respeito.

De modo que a attenção publica não tem mãos a medir, despertada por todos os lados sem saber para onde se virar.

D'um lado vem telegrammas de Londres que ora inquietam, ora tranquillisam, do outro receiam-se novas revoltas porque o governo manda estar as tropas de prevenção e adopta rigorosas medidas disciplinares, agora é o emprestimo que está contractado, que ainda não está, e as conferencias succedem-se por dias e dias até que emfim surge um contracto provisorio e depois de tudo isto vem a abertura do parlamento suspender todos os espiritos na mais licita anciedade de saber como elle procederá, em presença da situação anormal em que nos achamos.

Nós em face de tudo isto lamentamos uma coisa e é que os 45:000 contos do emprestimo sejam apenas para consolidar, pela milessima vez, a divida fluctuante, o que corresponde a ficar sem vintem com todo o aceio.

João Verdades.

COLYSEO DOS RECREIOS

A «MARCHA AEREA» DAS IRMÃS AUSTINS

RESENHA NOTICIOSA

Esquadra Franceza. — Entrou hontem no Tejo uma esquadra franceza composta de seis vasos de guerra, sob o commando do vice-almirante Gervais, e que anda em viagem de instrucção por varios portos do Mediterraneo.

O navio almirante d'esta esquadra é o couraçado *Marengo*, construido de madeira e lançado ao mar em 1869.

Tem o comprimento de 86m,20 na fluctuação; 17m,44 de bocca e 10m,57 de pontal com a deslocação de 7:187 toneladas. Andamento de 13,49 milhas.

Tem uma couraça na fluctuação que varia entre 18 e 20 centimetros.

O seu armamento consta de 4 peças de 27 cent. e 27 toneladas, 4 de 24 cent. e 16 toneladas, 4 de 24 cent. e 16 toneladas e 7 de 12 cent., todas de carregar pela culatra. A sua guarnição é de 670 praças. Tem duas machinas horisontaes de tirante invertido que imprimem movimento a dois helices. Custou cerca de 1:000 contos.

Requim, outro couraçado de ferro e aço foi lançado ao mar em 1885. Mede 85m,30 de comprimento na fluctuação, 18m de bocca e 9m35 de pontal. Desloca 7:168 toneladas e tem duas machinas *compound* de 3 cylindros alimentados por 10 caldeiras e 30 fornalhas. O seu andamento é de 14,22 milhas.

Tem duas torres couraçadas com couraça de 0m,45, que montam duas peças de 0m,42 e 75 toneladas. Mais 4 peças de 0m,10, 10 canhões revólvers e 4 metralhadoras completam o armamento d'este navio guarnecido com 373 praças.

Furieux, navio guarda-costa, construido de ferro e aço, feito em 1883. O seu comprimento é de 72m,55 na fluctuação com 17m,72 de bocca e 7m,31 de pontal. Deslocamento de 5:560 toneladas. Tem dois helices e machinas *compound* de 3 cylindros verticaes alimentados por 8 caldeiras com 16 fornalhas. O seu andamento é de 1,392 milhas. Custou proximamente 950 contos.

A sua couraça varia na fluctuação entre 0m,55 e 0m,32 e o seu armamento consta de duas torres couraçadas com chapas de 0m.45 tendo o convez tambem couraçado com chapas de 8 e 9 cent. As peças são 2 de 0m.34 e 48 toneladas, 5 de 47 millimetros e 10 canhões revólvers e a guarnição de 248 praças.

Lance, torpedeiro aviso ou caça torpedeiro, todo de aço e construido em 1886. Tem o comprimento de 59m,20, 6m,73 de bocca e 4m,10 de pontal. Desloca 320 tonelados e o seu andamento é de 18 milhas. Arma 4 peças de 47 millimetros de tiro rapido e 3 metralhadoras. Tem 2 tubos lança torpedos e a sua guarnição é de 49 praças.

Edmond Fontaine, torpedeiro de 1.ª classe, armado com 2 metralhadoras. Tem 66 toneladas e uma machina de 145 cavallos nominaes com o andamento de 20 milhas A sua guarnição é de 17 praças.

Torpedeiro 129, de 1.ª classe com 78,5 toneladas e uma machina de 225 cavallos nominaes.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Sociedade de Geographia de Lisboa. — *Indices e catalogos*. — A *Bibliotheca* por A. C Borges de Figueiredo, bibliothecario — I Obras impressas.

O Instituto. — *Revista Scientifica e Litteraria*. — Coimbra, Vol. XXXVIII, segunda serie n.º 5 com os seguintes artigos: Oração de Sapiencia, pelo dr. Luiz Maria da Silva Ramos; Faculdades de Theologia (Addenda); Abastecimento d'aguas em Coimbra, por A. A. da Costa Simões; Questão entre José Anastacio da Cunha e José Monteiro da Rocha; Catalogue des coleoptéres du Portugal, por M. Paulino de Oliveira; Francisco Vieira Lusitano (Apontamentos biographicos), por Julio de Castilho; As tristezas de Ovidio Nasão (poesia) pelo visconde de Seabra; Prestitos e procissões da universidade, por Antonio José Teixeira; Cartas Escolhidas, por F. P.; Fabulistas portuguezes (esbocetos) XXVI, Francisco Freire de Carvalho, por F. P.; Apologo. A Videira e o podador (poesia), por Francisco Freire de Carvalho; O busto de D. João VI, por Antonio José Teixeira; Fraternidade Academica (Obito de João Mendes de Magalhães Ramalho), por R. de Gusmão, etc.